

Covas quer o PMDB licenciando Ulysses

O líder do PMDB na Assembleia Constituinte, senador Mário Covas (SP), manifestou-se ontem favorável ao desencadeamento de um movimento entre os peemedebistas visando o licenciamento do deputado Ulysses Guimarães da presidência do partido enquanto durar os trabalhos da Constituinte. Covas iniciou pra valer suas atividades como líder participando de uma reunião para definir a composição da Mesa da Constituinte e até fazendo um apelo para que o deputado Luiz Henrique continuasse na liderança do PMDB na Câmara.

Segundo o senador, o ideal seria que o presidente da Constituinte do PMDB pedisse o licenciamento da presidência do partido uma vez que este é o desejo da maioria dos peemedebistas, demonstrado durante a sua eleição, na quarta-feira. Mário Covas defende ainda a eleição para o preenchimento das primeiras e segundas presidências do partido ocupadas atualmente pelos governadores Pedro Simon (RS) e Miguel Arraes (PE). Pelos estatutos do PMDB, é vetado a detentores de cargos executivos ocuparem postos na direção do partido.

Imobilismo
Mário Covas assinalou também que detectou, durante a eleição para líder na Constituinte, um grande desejo dos parlamentares do PMDB de que o partido saia do imobilismo em que se encontra atualmente e parta para a ação. Na Constituinte, o senador espera encontrar as resultantes da unidade partidária e partir para a ação. A nível geral do partido, ele considera que a acumulação de cargos de Ulysses Guimarães está impedindo uma atuação mais eficaz do PMDB. Covas acha, no entanto, que a decisão de afastar-se provisoriamente da direção partidária cabe a Ulysses, já que aos peemedebistas resta apenas pressionar para que isto ocorra.

O líder antecipou ainda que as votações na Constituinte vão levar, inevitavelmente, a uma disputa entre PMDB e PFL. "Não podemos ficar imaginando que a Constituição vai ser aprovada pelo consenso, inclusive porque haverá um confronto programático entre os dois partidos da Aliança Democrática", previu o senador.

O dia do líder, ontem, foi bastante agitado. Pela manhã, ele foi à casa de Luiz Henrique para pedir ao deputado para que continuasse na liderança do PMDB na Câmara, o que acabou ocorrendo. À tarde, no Congresso, Mário Covas era o parlamentar mais procurado pelos repórteres. Ele teve que dar inúmeras entrevistas e marcar outro tanto para hoje. No começo da noite, Covas reuniu-se com os líderes do partido na Câmara e no Senado para discutir a composição da Mesa da Constituinte.

Ulysses, humilde, diz que permanece

O deputado Ulysses Guimarães admitiu ontem refletir sobre as críticas à sua maneira de conduzir o PMDB e que formaram a base da campanha vitoriosa do senador Mário Covas à liderança do partido na Constituinte. Ulysses, no entanto, descartou a hipótese de licenciá-lo da presidência do PMDB, apelo feito por Covas e pelo governador de São Paulo, Orestes Quêrcia.

Ulysses mantém a posição de não absorver a vitória de Covas sobre Luiz Henrique como uma derrota pessoal e política. Ele promete estudar as críticas que tem recebido, mas adianta que muitas considera injustas e até desproporcionadas, como a de que concentra poderes. Ele se diz convicto de que sua longa gestão no comando do PMDB sempre foi feita de "portas abertas".

O presidente do PMDB só não arrola as críticas que julga corretas e merecedoras de exame. Ele promete apenas que aquelas "consideradas válidas serão atendidas e as que não forem os próprios autores reconhecerão que não tinham condição de ser aproveitadas".

Liderança não vai consultar governo

O senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, deverá manter as melhores relações com o Palácio do Planalto durante os trabalhos da Assembleia, mas não pretende consultar o governo sobre nada. Se o Executivo manifestar alguma pretensão ou encaminhar proposições e sugestões para serem submetidas à Constituinte, elas serão tratadas com a melhor boa vontade, mas não terão peso específico.

As explicações foram dadas, ontem, pelo próprio senador Mário Covas, que já manifestou disposição de não comparecer às reuniões do Conselho Político do Governo, por entender que o líder do partido na Constituinte não deve manter nenhuma relação de submissão ao Executivo. Mário Covas comentou ainda que não pode haver a dicotomia governo x oposição na Assembleia, pois os partidos são permanentes, enquanto o governo é provisório.

Se depender do líder peemedebista na Assembleia, o 1.º vice-presidente da Mesa da Constituinte será do PMDB. Contudo, admitiu que acatará os termos de eventuais acordos firmados pela direção do seu partido com o PFL.



Senador iniciou suas atividades atacando o imobilismo

Henrique anuncia a renúncia à renúncia

As 16 horas, o deputado Luiz Henrique anunciou, em seu gabinete superlotado de políticos e jornalistas, a renúncia à renúncia. Comandados pelos senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, os políticos aplaudiram. Era o final feliz de 24 horas de gestões, das quais participaram todo o comando do PMDB e o próprio presidente José Sarney. Todos insistiram com a mesma tese: a permanência de Luiz Henrique na liderança do PMDB na Câmara era fundamental para a unidade do partido.

Logo após a vitória de Covas na quarta-feira, Luiz Henrique reafirmou sua renúncia ao cargo. Diversos deputados, sem êxito, tentaram movê-lo. O senador José Richa telefonou para Sarney para lhe comunicar os resultados e agradecer o cumprimento do compromisso de imparcialidade na disputa. Sarney revelou sua preocupação com a atitude de Luiz Henrique.

Os coordenadores da bancada do PMDB se reuniram e concordaram em submeter as suas bancadas um documento redigido pelo deputado João Herrmann, reafirmando a indicação de Luiz Henrique. Este, contudo, resistia a voltar atrás. Durante a noite, uma verdadeira romaria de políticos dirigiu-se à sua residência. Dentre eles, o deputado Ulysses Guimarães, o governador de seu estado, Pedro Ivo e o senador José Richa.

Questão moral
Luiz Henrique rejeitava as ar-

Líder só às segundas-feiras

Andrei Meireles

A política costuma ser cruel com os derrotados. Logo após renunciar à renúncia à liderança do PMDB na Câmara, o deputado Luiz Henrique foi alvo de uma frase que fez sucesso no tradicional cafezinho da Câmara: será o líder das segundas-feiras. A eleição do senador Mário Covas numa tacada só esvaziou duas lideranças que ocuparam boa parte dos espaços políticos no último mês: Luiz Henrique e Carlos Santana. De quebra, atingiu também ao senador Fernando Henrique Cardoso, além de abalar o poder absoluto do deputado Ulysses Guimarães.

A distribuição de vagas e cargos nas comissões da Constituinte já estava bem adiantada. Com a eleição de Mário Covas, foi uma correria. Quem antes estava certo, ficou inseguro e foi à luta para manter o espaço conquistado. Quem estava de fora, sentiu-se novamente no pé. Há, de fato, um novo pólo de poder no PMDB, ocupando espaços antes preenchidos por outras lideranças.

Corregedor do PFL
Neste novo quadro, como fica Carlos Santana? O deputado João Herrmann responde: «Será o



Covas foi a Luiz Henrique

gumentos políticos para ficar no cargo, alegando uma questão moral: anunciou por diversas vezes que, se derrotado, renunciaria ao cargo e não ficaria bem um recuo. A pressão continuou ontem pela manhã, quando o presidente Sarney lhe telefonou. Ulysses voltou a insistir e os senadores Mário Covas e Fernando Henrique somaram ao coro. Ao mesmo tempo, uma caravana de deputados foi à sua casa manifestar solidariedade.

A cúpula do PMDB pretendia resolver o assunto antes das 12 horas. A ideia era realizar uma solenidade na liderança do PMDB ao meio-dia, confirmando Luiz Henrique no cargo. Não deu. Finalmente às 16 horas, foi possível realizá-la. E não faltou pompa. No final, compareceu até o líder do governo, deputado Carlos Santana.

corregedor do PFL». Ironia à parte, parece ter alguma razão: Covas tem dito e repetido que não aceitará qualquer ingerência do governo na Constituinte, onde não reconhece também a aliança com o PFL.

A liderança do partido na Câmara terá — como argumentaram Covas e Fernando Henrique nas gestões para convencer Luiz Henrique a permanecer no cargo — a importante tarefa de atuar junto à poderosa bancada do PMDB na Câmara em busca de um comportamento comum na Constituinte. Na prática, contudo, poucos acreditam que Mário Covas — estrela em ascensão dentro do partido — abrirá mão de todos os espaços conquistados pelo voto.

A insistência com Luiz Henrique teve também razões pouco explícitas. O senador José Fogaça foi claro: «Numa situação anômala como esta, a direita poderia até conquistar a liderança. Não podíamos correr este risco». Soma-se a isto o fato dos deputados com maior cacife político não estarem dispostos a entrar numa disputa arriscada para a conquista de uma liderança esvaziada.

Planalto já está mudando a estratégia

A escolha do senador Mário Covas para líder na Constituinte vai obrigar o Gabinete Civil da Presidência da República a mudar a estratégia política dentro do Congresso. Por enquanto, 48 horas depois da escolha de Covas e ainda sob o impacto da virada, esta estratégia ainda não está montada, mas entra em campo para o diálogo o próprio ministro Marco Maciel, que vai intensificar sua presença junto aos moderados do PMDB e o PFL. Além disso, a escolha de Covas vai sobrecarregar o deputado Prisco Vianna, amigo do presidente Sarney e o líder do governo na Câmara, Carlos Santana.

Tanto Santana quanto Prisco Vianna estão otimistas em relação ao diálogo com Mário Covas, ao contrário do líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço, cuja resposta sobre o relacionamento Governo e Constituinte foi dada com mau-humor: "Não sei nada disso. Não sei de nada".

Prisco Vianna espera uma melhoria nas relações entre Planalto e Congresso. Ele e Carlos Santana são unânimes em afirmar que o diálogo entre o líder na Constituinte e o presidente Sarney será muito mais fácil agora. "Com Luiz Henrique — argumentou Prisco Vianna — o presidente da República estava começando a construir um diálogo. Com Mário Covas é diferente: Sarney o conhece há bastante tempo e Covas tem mais autonomia". Vianna garante também que o líder conquistará um novo perfil para o PMDB, unificando o partido.

O mesmo raciocínio é seguido pelo líder do Governo na Câmara, Carlos Santana. Ele nega a necessidade de mudança de estratégia, lembrando que Covas falará sempre em nome do partido, mas concorda que as relações do Planalto com a Constituinte serão mais e mais "num clima de respeito mútuo".

Mas enquanto os principais articuladores do presidente Sarney manifestam otimismo no relacionamento, na facilidade do diálogo, os articuladores da vitória de Mário Covas mantêm expectativa diferente. O deputado Sigmaringa Sexias (PMDB-DF) alerta para um fato: Covas manterá posição nítida de defesa contra a interferência do Governo na Constituinte.

Pequenos avaliam os novos reflexos

"O líder, do PFL, deputado José Lourenço, vai ter que deixar de ser brucutu para ser mais civilizado". A conclusão, do vice-líder do PT, José Genoíno (SP), coincide com a avaliação dos pequenos partidos de que a eleição do líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas, irá determinar uma transformação nas relações em plenário. Mas a avaliação de Genoíno não diz tudo: um levantamento junto às lideranças dos partidos deixa claro que essas relações na verdade são encaradas sob ângulos diversos: os chamados setores "radicais", tanto à esquerda como à direita, prevêem dificuldades. Já os setores de centro e centro esquerda, ou mesmo tidos como "de esquerda menos radical", consideram que tudo está facilitado.

As avaliações estavam diretamente ligadas às relações com o PMDB: partidos que se opõem a ele, como o PT de Genoíno, não gostaram da vitória de Covas, ao passo que os aliados do PMDB, como o PCB, preferem dar ênfase à brecha que teria sido aberta para o bom andamento das ideias progressistas. Em meio a isso, confirmando a regra, ficam os partidos em posição dúbia, ou seja, os pretensos aliados do PMDB, que na verdade se revelam opositores nas votações em plenário: os conservadores PFL e PTB, que fingem gostar da vitória de Covas mas intimamente prevêem sérias dificuldades de relacionamento. Um integrante da Frente Liberal avaliou ontem que deverá ocorrer a partir dessa realidade: Covas poderá se mostrar disposto ao diálogo, mas não "fechará" negociações em que prevaleça o pensamento ultraconservador que caracteriza o PFL e o PTB.

Genoíno, que estaria entre os representantes dos "radicais" de esquerda, afirma que a vitória de Covas não facilita a ação do PT. "Covas será líder de centro", avalia, que conseguirá unificar o PMDB e, por ser uma forte liderança, "dificultará os espaços para os partidos de esquerda". Na sua avaliação, Luiz Henrique era um líder "mais aberto às posições progressistas", embora "mais fraco politicamente". As relações com o Palácio do Planalto não estarão, por sua vez, obstruídas a ponto de evitarem influência na Constituinte, segundo o petista, já



Chiarelli, líder do PFL

que ainda existem os "canais" para isso, como o PFL e o líder da maioria, Carlos Santana.

Melhor para PTB

O líder do PTB, deputado Gastone Righi (SP), garante que para seu partido melhorou, "porque Mário Covas reflete mais a maioria do PMDB, com uma posição centrista", ou seja, uma posição que estaria — segundo Righi — mais próxima da visão dos petebistas. "Gastone está é quivocado", sentença um real aliado do PMDB, o líder Roberto Freire, do PCB. "Eu quero saber — desafia ele — se o Covas vai permitir que essa Constituinte retroceda". Freire considera que o novo líder propiciará uma melhor articulação interna do PMDB, "que é o grande eixo democrático" da Constituinte, na sua avaliação, e descarta a possibilidade de prejuízo com as negociações junto aos setores de centro. "A unidade do PMDB — observa — passa pelo centro, que também compõe o partido". O máximo que pode ocorrer, segundo o líder do PCB, é se verificar uma homogeneidade mais conservadora ou menos conservadora, em função de episódios e circunstâncias específicas, "mas a liderança de Covas continuará sempre democrática, pois é um homem comprometido com a resistência democrática no país".

Onovo presidencial



Grças a esse feito inesperado, Covas colocou-se, politicamente, no mesmo plano dos governadores mais importantes do PMDB — Orestes Quêrcia, de São Paulo, e Newton Cardoso, de Minas — mas com a vantagem de estar no centro das atenções do país e de não depender do governador federal, em desgaste crescente, para projetar-se em termos nacionais.

Novo arranjo
O fenômeno da afirmação da liderança de Covas na Assembleia Constituinte representa, pois, o surgimento de um novo arranjo das forças políticas no Brasil.

Impedido de candidatar-se à prefeitura da capital de São Paulo pelo voto direto e afastado da eleição de governador daquele estado, por motivos partidários subalternos, Covas credencioso, agora, para votos muito mais importantes.

Em política, os fatos ocorrem, geralmente, como se obedecessem a uma lógica inexorável. A eleição de Covas na Constituinte, contra a expectativa da maioria dos observadores políticos, coloca-o, agora, entre os mais fortes candidatos do partido à presidência da República. Esse mesmo tipo de impressão, por sinal, generalizou-se em junho de 1984, em favor de Tancredino Neves, quando o nome do então governador mineiro despontou, naturalmente, na sucessão presidencial, como o mais qualificado para beneficiar-se das contradições políticas do momento.

Dadas as qualidades que revelou possuir no passado, quando liderou a Oposição na Câmara, em 1967 e 1968, aos 35 anos de idade, e tinha entre seus liderados políticos do naipe de Tancredino, Ulysses e Martins Rodrigues, Covas dispõe, portanto, de requisitos para destacar-se na Constituinte, reduzindo, ali, com sua objetividade de engenheiro e sua sensibilidade política, os espaços até então utilizados pelas discussões mudas e inconsequentes. Não menos importantes, é claro, é a base eleitoral de que dispõe em São Paulo, estado no qual talvez não possa impor-se numa con-

venção de seu partido, mas uma coisa é o PMDB paulista e outra, muito diferente, o PMDB nacional.

Obstáculo

O novo líder do PMDB se constituiu, ainda, em obstáculo ao jogo de arranjos que se estava iniciando entre os governadores recém-eleitos daquele partido e o Palácio do Planalto, com o propósito de se elaborar uma Constituição mais ajustada aos interesses de todos eles do que à altura dos problemas do País. Quanto ao presidente Sarney, cujos assessores trabalhavam para que se desse ao chefe do governo uma mandato presidencial de seis anos, a vitória de Covas não foi particularmente interessante. Vale recordar que Ulysses Guimarães admitia conceder cinco anos de mandato ao presidente, mas Covas sempre foi um dos mais convictos defensores do mandato de quatro anos. Assim, dando a entender que a vitória do senador paulista lhe é indiferente, Sarney, como se costuma dizer, apenas está evitando o fazer cara feia diante da má ventura política.

Previsões

Sempre é temerário fazer previsões sobre o futuro político. O marquês de Condorcet encaminhou à Academia de Ciências de Paris, em agosto de 1784, uma interessante memória sobre as probabilidades do futuro político na França. Nesse trabalho dizia ele que a probabilidade maior era a de que houvesse, no futuro, «menos revoluções de vulto do que no passado». Já o professor Emile Faguet, no último ano do século XIX, previu que, no século XX, «os tempos seriam menos dramáticos e não haveria grandes homens públicos como nos séculos anteriores». Pois é. O marquês e o professor foram atropelados, respectivamente, por duas revoluções, a francesa de 1789 e a soviética de 1917, sendo que dessa última emergiu a figura de Lenine, inimaginável por Faguet. Previsões, portanto, sempre são perigosas, mas, se não houver acidentes de percurso, o senador Mário Covas, a estrela que sobe no PMDB, estará firme no clube dos peemedebistas que vão disputar a presidência da República, provavelmente antes da próxima sucessão estadual, contra Leonel Brizola, do PDT; Luis Inácio Lula da Silva, do PT; Aureliano Chaves, do PFL; e Paulo Maluf, do PDS. Por vários motivos, o nome de Covas, no PMDB, dentro ou fora da Constituinte, é, hoje, a melhor ação para se comprar, no mercado político futuro.